

# Espiritualidade

Observações e reflexões sobre o pietismo

Joachim Fischer

## I. INTRODUÇÃO

O assunto deste estudo é a espiritualidade do pietismo. Há boas razões para ocuparmo-nos com o pietismo. Pois ele está presente na história da nossa Igreja desde há mais de 100 anos. Ensinamos, conforme o artigo 7 da Confissão de Augsburg, "que sempre permanecerá uma santa igreja" (1). O Conde Nicolau Luís de Zinzendorf, que já foi chamado "o personagem mais original e mais importante" na história da espiritualidade cristã do século 18 (2), observa com toda a razão, em sua explicação daquele Artigo da Confissão de Augsburg: "O estudo da história da Igreja é essencialmente um estudo muito útil" (3). Vale a pena estudar também a história da nossa Igreja.

Nossas comunidades têm algumas de suas raízes históricas no pietismo. Se queremos compreender quem somos e donde viemos, precisamos procurar nossas raízes para conscientizarmos dessa herança. Vale lembrar que a palavra "raiz" se deriva da palavra latina "radix". Dessa mesma palavra deriva-se também a palavra "radical". Do ponto de vista histórico, radical é aquele que estuda e compreende as coisas pelas suas raízes. Nesse sentido apresento aqui algumas observações e reflexões "radicais" sobre a espiritualidade do pietismo. Não se trata de uma apologia do

---

(1) A Confissão de Augsburg. 1530 - 1980. Das Augsburger Bekenntnis. Edição bilingüe. (São Leopoldo, 1980), pág. 20.

(2) Karl Heussi. *Kompendium der Kirchengeschichte* (Compêndio da História da Igreja). (Tübingen, 11ª ed. 1957), pág. 407

(3) Ein und zwanzig Discurse über die Augspurgische Confession gehalten vom 15. Dec. 1747 bis zum 3. Mart. 1748 (21 Discursos sobre a Confissão de Augsburg proferidos de 15 de dezembro de 1747 até 3 de março de 1748). Em: Nikolaus Ludwig von Zinzendorf, *Hauptschriften* (Obras Principais), ed. por Erich Beyreuther e Gerhard Meyer, vol. 6. (Hildesheim, 1963) pág. 305.

pietismo nem de uma recomendação de se tornar pietista. Trata-se de uma reflexão em torno de uma tradição de espiritualidade que contribuiu para a formação da realidade da nossa Igreja, assim como a experimentamos hoje em dia.

## 2. A PRESENÇA DO PIETISMO EM NOSSA HISTÓRIA

Num primeiro passo dou algumas informações sobre a presença do pietismo em nossa história. A tradição pietista chegou ao Brasil com imigrantes "leigos", geralmente colonos, gente simples e humilde, e com pastores. Apresento primeiramente alguns exemplos do "pietismo leigo".

a) A uma das colônias de imigrantes alemães deu-se originalmente o nome de "Neu-Württemberg". É a atual cidade de Panambi, no Rio Grande do Sul. Württemberg é uma região da Alemanha que foi marcada profundamente pelo pietismo. O primeiro nome da colônia, pois, já lembrava a herança pietista (4).

b) Entre o imigrantes alemães houve pomeranos. Eram nordestinos, em termos de geografia da Alemanha. Na Pomerânia houve, no século 19, controvérsias apaixonadas em torno do movimento do despertamento, uma espécie de pietismo renovado. Muitas vezes procuramos os motivos da emigração de alemães para o Brasil, no século passado, em sua situação econômica ou sócio-política em sua antiga pátria. Mas milhares de pomeranos emigraram para a América, a partir de 1837, por motivos de fé. Buscaram liberdade para a vivência de sua espiritualidade pietista. Pois na Pomerânia sentiram-se oprimidos pelas autoridades e estruturas eclesiásticas (5). Certamente houve pietistas também entre os pomeranos que naquela época emigraram no Brasil.

- 
- (4) Provavelmente houve nisso a influência de uma pastor. Hermann Faulhaber, de 1902 até 1907 ou 1908 o primeiro pastor da colônia, depois seu diretor, era natural de Württemberg. V. Ferdinand Schröder, *Brasilien und Wittenberg, Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien* (Brasil e Wittenberg, Origem e Formação de uma Igreja evangélica no Brasil), (Berlin-Leipzig, 1936), pág. 191; *75 Anos de existência do Sínodo Rio-Grandense 1886 - 1961*, (São Leopoldo, 1961), pág. 96; *Verzeichnis der deutschen evangelischen Pfarrer in Südamerika von 1823 bis 1. April 1937. Zur Hundertjahrfeier der "Evangelischen Gesellschaft" zusammengestellt von* (Lista dos pastores evangélicos alemães na América do Sul de 1823 até 1º de abril de 1937, confeccionada para o centenário da "Sociedade Evangélica" por) P. i. R. Dedekind, (Wuppertal-Elberfeld, 1937), nº 129.
- (5) Helmuth Heyden: Art. "Pommern, Land" (Pomerânia, país). Em: *RGG* 3º. ed., vol. 5. (Tübingen, 1961), pág. 457 s.

c) Em Santa Catarina nossa Igreja tem uma comunidade que se chama "Brüderthal". O nome significa "Vale dos Irmãos". A comunidade pertence hoje à paróquia de Guaramirim. Foi fundada, no final do século passado por aproximadamente 100 teuto-russos, membros da Igreja dos Irmãos Moravianos, a qual é um dos ramos do pietismo histórico. Abandonaram a Rússia dos czares, juntamente com seu pregador Wilhelm Lange, porque o governo lhes negara liberdade para sua fé. Chegaram ao Brasil quase como mendigos, pois o governo russo negara-lhes também a permissão para venderem suas terras e levarem consigo o dinheiro. No Brasil constataram que seu projeto de colonização não podia ser realizado assim como tinham imaginado. Mas decidiram aceitar o desafio. No argumento, com o qual fundamentaram sua decisão, transparece um pouco de sua espiritualidade: "É a vontade do Senhor que povoemos aquele vale. Por isso queremos fazê-lo com fé e coragem". Controvérsias internas ameaçaram a comunhão dos colonos. Mas com orações insistentes conseguiram superar as dificuldades. Prometeram viver para o Senhor e cantaram o hino de Zinzendorf "Corações, em fé unidos, vinde à paz do bom Senhor" (nº 94 do hinário da IECLB). Selaram sua comunhão com o beijo da fraternidade, conhecido do Novo Testamento (6). Mas também tiveram que excluir da Santa Ceia dois de seus membros (7).

d) Temos o exemplo de um velho colono holandês na comunidade de Monte Alverne, no Rio Grande do Sul. Os testemunhos sobre ele não dizem expressamente que foi um pietista. Mas tudo indica que sua espiritualidade tinha formação pietista. Ele colocou sua casa à disposição para cultos e devocionais dos primeiros moradores, por volta de 1865/70. Mais tarde o pastor Ludwig Hoppe, de Venâncio Aires, relatou: O velho Hartemink "trouxera da Holanda todos os seus livros religiosos. Sabia de cor toda a Bíblia. Mas também viveu a palavra de Deus. Os outros tinham temor dele. Mas ao mesmo tempo estimaram-no muito por causa de sua seriedade. Quando alguém faleceu e não foi possível chamar um pastor, a reação natural era: O velho Hartemink deve substituí-lo. Sabia falar de maneira simples, mas atingindo as pessoas. Sabia falar de maneira compreensível e profunda ao mesmo tempo. Um dia faleceu um parente seu. Então proferiu somente uma alocução bem breve: 'Enterramos um irmão. Sabeis que ele foi um jogador de cartas. Por isso pereceu. Assim vedes para onde o jogo e o pecado

(6) Romanos 16.16; 1 Pedro 5.14.

(7) Do diário do pregador-pastor Wilhelm Lange, escrito em alemão, citado por Ferdinand Schröder, *Brasilien und Wittenberg* (v. anot. 4), pág. 287 s.

em geral levam a pessoa humana. Todos nós somos pecadores e queremos recomendar à misericórdia de Deus esta pobre alma. Amém!” (8). Esse relatório foi descrito por um pastor. Mas fala de alguém do povo e de sua espiritualidade popular.

e) Algo semelhante transparece naquilo que o pastor Leonard Hollerbach relatou, nos anos 60 do século passado, sobre aproximadamente 70 imigrantes holandeses na região da atual cidade de Teófilo Otoni, em Minas Gerais: “Aqui a Bíblia geralmente ainda é reconhecida, amada e lida como palavra de Deus. Há famílias em que a Sagrada Escritura é colocada na mesa quatro vezes por dia . . . Na casa em que me encontro neste momento, durmo na mesa em que tomamos as refeições e a qual serve também como púlpito”. Os moradores queriam construir uma pequena igreja. Para isso precisavam de ajuda financeira de fora. Sobre esse assunto Hollerbach escreveu: “Não pretendo dirigir-me aos alemães (na Alemanha), e sim, ao governo brasileiro e à Igreja holandesa” (9).

A espiritualidade pietista veio para o Brasil também com pastores pietistas. A seguir apresento alguns exemplos do “pietismo pastoral”.

f) A primeira entidade evangélica da Europa que se preocupou com os colonos evangélicos emigrados para o Brasil foi, depois da Igreja da Prússia, a Missão de Basiléia, na Suíça. Essa Sociedade Missionária, que existe ainda hoje, é fruto do pietismo do século 19, sobretudo na Suíça de fala alemã, no sudoeste da Alemanha, na Alsácia e na Áustria (10). Foi fundada em 1815. Já em 1819/20 ventilou, numa reunião de sua diretoria, a viabilidade do envio de um pastor-missionário para o Brasil (11). Naquela vez a idéia não se concretizou. Mas a partir de 1861 pastores da Missão de Basiléia deram sua contribuição, de cunho pietista, para a história das nossas comunidades. Entre eles encontram-se, por exemplo, Leon-

(8) *Der Deutsche Ansiedler* (O colono alemão) 1899, pág. 60, citado por Ferdinand Schröder (v. anot. 4), 143.

(9) Carta de Hollerbach à Missão de Basiléia, de 15 de julho de 1863 (Arquivo da Missão de Basiléia, vol. FB-1.1).

(10) Alfred Dilger: Art. “Basler Missionsgesellschaft” (Sociedade Missionária de Basiléia). Em: *RGG* 3ª ed., vol. 1, (Tübingen, 1957), pág. 914.

(11) Ata da 21ª reunião da diretoria em 1819 (17 de dezembro); 1ª, 2ª, 3ª 3 4ª reuniões de 1820 (10 e 21 de janeiro, 9 e 28 de fevereiro) (Livro de Atas das reuniões da diretoria da Sociedade Missionária de Basiléia nº 3, pág. 85 e nº 4, pág. 20, 24, 27s. e 32, no Arquivo da Missão de Basiléia).

hard Hollerbach, já mencionado em cima, que atuou em Minas Gerais e o qual assinou em 1867 um documento, redigido em alemão, com seu nome em forma abasileirada (Leonardo), o suíço Johannes Rudolf Dietschi, o pastor Michael Haetinger, o fundador dos Asilos Pela e Betânia, e dois dos nossos pastores aposentados, Karl Scheible em Sapiranga, Rio Grande do Sul, e Gustav Braun em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul, todos os três naturais de Württemberg. As instruções que a Missão de Basiléia deu aos primeiros desses pastores (12), evidenciam traços característicos da espiritualidade da qual nasceu aquela iniciativa. Foi lhes dito que seriam enviados para os protestantes no Brasil que falam alemão. Mas acrescentou-se expressamente que negros, índios e católicos romanos não estavam excluídos. Recomendou-se-lhes o estudo intensivo do catolicismo brasileiro e da geografia e da história do país. Deviam agir com paciência, pois com eles começaria algo novo, e com sabedoria, pois facilmente poderiam surgir resistências e dificuldades, como muitas vezes acontece, quando se começa algo novo. Não deviam envolver-se em controvérsias políticas – hoje diríamos, talvez: na política partidária – nem em polémicas confessionais. Deviam ser irrepreensíveis em sua conduta. Deviam iniciar seu trabalho pastoral com indivíduos e cuidar sobretudo dos doentes (clínica pastoral!) e dos jovens. Sua grande meta devia ser reunir cristãos em comunidades, fomentar a união entre as comunidades e fundar um sínodo. Podemos ver, pois, que comunidade, comunhão e união são dimensões importantes dessa espiritualidade. Provavelmente estavam presentes também em outros pastores, não enviados pela Missão de Basiléia, mas igualmente de origem e formação pietista, pois a autêntica espiritualidade pietista é comunitária.

Juntamente com essa espiritualidade encontramos na história da nossa Igreja também seu questionamento, sua crítica e sua rejeição. Com mais alguns exemplos pretendo mostrar como a espiritualidade pietista se formou e se firmou em meio a tais críticas, às vezes bastante duras.

g) Quando o já mencionado pastor Leonhard Hollerbach chegou à colônia de imigrantes alemães no Rio Mucuri, em Minas Gerais, foi festivamente saudado. Mas depois ele mesmo constatou "que a alegria não fora motivada pela fome pela palavra de Deus". Parece que sua pregação foi exigente demais para os colonos.

---

(12) 33ª reunião da diretoria em 1861 (28 de agosto) (Livro de Atas das reuniões da diretoria da Sociedade Missionária de Basiléia nº 32, pág. 127-129, no Arquivo da Missão de Basiléia).

Esses aparentemente não gostaram de uma pregação que insistiu no compromisso da fé para a vida diária. Então disseram: "Um pietista não queríamos..., vamos cozinhar para ele um prato que faça com que prefira sair daqui" (13).

h) Na mesma época pastores enviados pela Missão de Basiléia começaram a atuar também na colônia de Santa Leopoldina, no Espírito Santo. O diretor daquela colônia, um alemão e, como parece, um livre-pensador típico do século 19, caracterizou o pietismo uma vez como "sorrindo de maneira sentimental, humilde-arrogante, baixando os olhos e espiando de modo atrevido, minando qualquer felicidade-familiar". Falou ainda do "anzo" dos pietistas e de suas "iscas", folhetinhos de Elberfeld, um conhecido centro do pietismo (14). Neste caso não foi o povo que falou assim. Foi a autoridade máxima da colônia, um homem com instrução universitária e com o título de doutor, provavelmente um representante da mentalidade que foi considerada como a mais moderna em seu tempo.

i) Por volta de 1873 também a comunidade de Porto Alegre não queria "um pietista ortodoxo" como pastor, e sim, um liberal (15). Seria interessante saber, se essa atitude tinha algo a ver com a composição da comunidade sob os pontos de vista político, social e econômico. Mas ainda faltam estudos detalhados a esse respeito

j) Um outro incidente aconteceu em Santa Isabel, Santa Catarina. Pastores enviados pela Missão de Basiléia tomaram diversas providências para melhorar o nível intelectual e o comportamento moral e religioso dos colonos. Desta maneira esperavam melhorar também sua situação financeira e social. Mas um pequeno grupo de proprietários de bodegas sentiu-se prejudicado pela mudança dos costumes. Insatisfeitos com a decadência de seus negócios, tentaram afastar o pastor Dietegen Flury, um dos enviados de Basiléia. Mas não ousaram atacar diretamente os esforços educacionais e pastorais de Flury. Usaram como pretexto argumentos sócio-políticos e ideológicos. Pouco antes acontecera a tragédia dos Mucker no Rio Grande do Sul. Então aquele grupo de insatisfeitos acusou Flury e uma parte da comunidade como sendo também Mucker. Espalharam o boato de que um dos líderes dos Mucker teria

(13) Carta de Hollerbach à Missão de Basiléia, de 24 de maio de 1863 (Arquivo da Missão de Basiléia, vol. FB-1.1.).

(14) Carta de 20 de dezembro de 1864 à Missão de Basiléia (Arquivo da Missão de Basiléia, vol. FB-1.1.).

(15) Ferdinand Schröder, *Brasilien und Wittenberg* (v. anot. 4), pá.g 99s.

sido um missionário de Basileia. As autoridades provinciais já estavam preocupadas. Temiam uma repetição dos acontecimentos em torno dos Mucker. Examinaram o caso. Não conseguiram provar nada, mas por precaução proibiram ao pastor a realização de cultos na igreja de Teresópolis, uma comunidade filial de Santa Isabel. Não lhe pagaram mais o salário que recebia do governo, como na época acontecia com vários outros pastores evangélicos. Finalmente proibiram estudos bíblicos com mais de 10 participantes (16). Tudo isso mostra que a espiritualidade pietista não raras vezes é uma espiritualidade sofrida, atacada, perseguida, marcada pela cruz.

l) Acrescento mais uma observação sobre a presença do pietismo na história da Igreja na América do sul. Olhando um pouco para além das fronteiras do Brasil, podemos constatar que o primeiro tipo do cristianismo evangélico, que marcou sua presença definitiva na América do Sul, foi o pietismo do Conde Zinzendorf e dos Irmãos Moravianos. A Igreja dos Moravianos existe desde 1735 na Guiana Holandesa, o Suriname, independente desde 1975. Essa presença foi especialmente marcada pela cruz. De mais de 800 missionários enviados morreram mais de 230 no campo de missão, geralmente bastante jovens. Praticamente desde o início, os Irmãos Moravianos dedicaram-se à missão entre os mais humildes, desprezados, pobres e marginalizados: índios e negros escravos e libertos. Certamente não teriam suportado os incríveis sacrifícios, se seu trabalho não tivesse nascido de uma espiritualidade profunda, disposta a qualquer sacrifício pela causa de Cristo (17).

m) Chego à última observação sobre o pietismo na América Latina. São muito conhecidas e divulgadas as "Senhas Diárias". Trata-se de uma espécie de exercício espiritual que surgiu entre os Irmãos Moravianos. Para inúmeras pessoas as "Senhas" são algo como a alimentação espiritual básica, o pão espiritual de cada dia que Deus nos dá – mensagens bíblicas, hinos, orações. Em 1981 comemorou-se os 250 anos de publicação das "Senhas". Estas

---

(16) Cartas da Missão de Basileia ao embaixador suíço em Viena. Johan Jakob von Tschudi, de 1º de dezembro de 1874; ao Consulado Geral da Suíça no Rio de Janeiro, de 17 de dezembro de 1874; ao pastor Flury, de 3 de março e 7 de junho de 1875 (Arquivo da Missão de Basileia, vol. FB-2.1, fl. 81-83; 83ss.; 85-88 e 90-93).

(17) Heinz Motel, Art. "Brüderunität – II. Erneuerte Brüderunität, Herrnhuter (Ev. Brüdergemeine)" (Comunhão dos Irmãos – II. Comunhão dos Irmãos Rediviva, de Herrnhut – Igreja Evangélica dos Irmãos, Comunhão dos Irmãos), em: RGG 3ª ed., vol. 1. (Tübingen, 1957), pág. 1445 s. – Hermann Georg Steinberg: Art. "Guayana, 2. Mission" (Guiana, 2. Missão), em: RGG 3ª ed., vol. 2. (Tübingen, 1958), pág. 1902.

reflexões sobre a espiritualidade pietista querem ser também uma pequena homenagem a esta expressão significativa de espiritualidade.

### 3. CARACTERÍSTICAS DA ESPIRITUALIDADE PIETISTA

Num segundo passo pretendo ocupar-me mais detalhadamente com o pietismo histórico. Ele é, em certo sentido, o pano de fundo para todo os exemplos de presença de espiritualidade pietista apresentados no item anterior. Destaco alguns aspectos que me parecem importantes também hoje. Não tenho a intenção de apresentar um quadro completo da espiritualidade pietista.

a) No pietismo luterano temos exemplos e modelos de uma espiritualidade luterana. Essa observação parece-me muito importante. Por que?

O termo "espiritualidade" tem sua origem nas ordens religiosas da França. A Igreja Católica Romana tem muitas experiências com práticas elaboradas e definidas de espiritualidade e com a reflexão sobre as mesmas. Na terminologia católica, "espiritualidade" abrange três elementos ou momentos: fé, exercícios espirituais e vivência (18). Costumamos relacionar a expressão "exercícios espirituais" com Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus (jesuítas).

A Reforma Evangélica aboliu as ordens religiosas e, desta maneira, um importante lugar vivencial de espiritualidade. Muitas vezes o cristianismo evangélico concentrou-se fortemente na Palavra de Deus. Em consequência disso foi bastante valorizada, por assim dizer, a intelectualidade da fé, mais do que sua espiritualidade. Não creio, porém, que tenha sido intenção de Lutero reduzir ou restringir a espiritualidade, ao criticar a vida monástica. Lembremos: A explicação do Pai Nosso é uma das seis partes do Catecismo Menor, e a oração contemplativa é certamente um dos principais "exercícios espirituais". Temos uma tradição de espiritualidade luterana já a partir de Lutero.

Essa tradição manifesta-se também no pietismo. Este propôs uma alternativa para a vida dos cristãos e da Igreja de seu tempo,

---

(18) *Evangelische Spiritualität. Überlegungen und Anstöße zur Neuorientierung* (Espiritualidade Evangélica. Reflexões e Impulsos para a Reorientação). Ed. pela Chancelaria Eclesiástica (Kirchenkanzlei) por incumbência do Conselho da Igreja Evangélica na Alemanha. (Gütersloh, - Göttingen, 1979), pág. 10.

uma alternativa à ortodoxia. Justamente nisso os pietistas entenderam-se a si mesmos como herdeiros autênticos da Reforma. Para Filipe Jacó Spener, o pai do pietismo luterano na Alemanha, a verdadeira Igreja é a Igreja Evangélica que confessa publicamente o Evangelho, "o qual foi mostrado novamente em sua clareza por Dr. Lutero, o bem-aventurado instrumento de Deus" (19). Zinzendorf quis viver e morrer na Igreja Luterana, como afirmou expressamente (20). Nos seus 21 discursos sobre a Confissão Augsburgo disse que considerava essa confissão "como obra inspirada . . . Ninguém pode amá-la . . . que não seja um filho de Deus . . . A doutrina do sofrimento (da paixão) de Deus é o fundamento da Confissão de Augsburgo, e . . . por um milagre incontestável do cabeça da Igreja a confissão ficou não apenas paulina, e sim, joanina, uma verdadeira peça de mestre". (21). Creio que não podemos refletir sobre espiritualidade sem valorizarmos também essa herança espiritual luterana.

b) A espiritualidade pietista aspira por renovação da Igreja, da vida de fé e do engajamento dos cristãos, da promessa e do compromisso do Evangelho. Certamente a aspiração por renovação não é uma característica exclusiva do pietismo. Essa aspiração caracteriza todas as espiritualidades marcantes da história do cristianismo, sobretudo das grandes ordens religiosas, como beneditinos, franciscanos ou jesuítas. O conceito "espiritualidade" origina-se não por acaso da teologia das ordens religiosas da Igreja Católica Romana da França ("spiritualité") (22). Mas já foi dito que espiritualidade não é um fenômeno exclusivamente católico. Ela pertence ao cristianismo como tal. Sempre de novo surgiram movimentos que visavam a uma nova vivência integral da fé, cada um para seu tempo. Tais movimentos marcaram com sua espiritualidade a através dela épocas inteiras. O desejo de renovação evangélica está presente em toda a Reforma Evangélica. Está presente também no pietismo. Aparece expressamente no título do escrito que é considerado como o programa do pietismo luterano, o escrito de

(19) Philipp Jacob Spener, *Umkehr in die Zukunft* (Volta ao Futuro). *Reformprogramm des Pietismus* (Programa de reforma do pietismo) – Pia desideria. Reed. por Erich Beyreuther. (Giessen-Basel, 2ª ed., 1975), pág. 22.

(20) Nikolaus Ludwig von Zinzendorf in *Selbstzeugnissen und Bilddokumenten* (Nikolaus Luís de Zinzendorf em testemunhos autobiográficos e retratos documentários), apresentado por Erich Beyreuther. rowohlt's monographien, ed. por Kurt Kusenberg. (Reinbek- Hamburg, 1965), pág. 108.

(21) Ein und zwanzig Discurse (21 Discursos) (v. anot. 3), pág. 57.

(22) *Evangelische Spiritualität* (v. anot. 18), pág. 10.

Filipe Jacó Spener "Pia Desideria ou desejo ardente de uma melhora (renovação) da verdadeira Igreja Evangélica que agrada a Deus", publicado em 1675. Basta ler um pouco neste escrito claro, decidido e comovente para sentir a espiritualidade da renovação. "Na miséria e doença do tão nobre corpo de Cristo todos têm o dever de cuidar de como pode ser encontrado e aplicado um remédio eficaz, capaz de curá-lo", escreve Spener (23). Ele quer a renovação da vida da fé. Mas não se restringe àquilo que geralmente é chamado de espiritual. Vê — talvez fracamente, mas vê — pelo menos uma ou outra implicação da renovação, de grande alcance, como transparece nas seguintes palavras: "É verdade que não nos é ordenada aquela comunhão que existia entre os cristãos da primeira comunidade em Jerusalém. Mas quem já cogitou que apesar disso uma outra distribuição dos bens é muito necessária? Por quê? Por que devo lembrar-me que nada é meu. Pois tudo é propriedade do meu Deus. Sou apenas um administrador, empregado para esse fim. De maneira alguma tenho a liberdade de reter para mim, quando e por quanto tempo eu quero, aquilo que está em minhas mãos. Onde vejo que o amor exige dar o que é meu, em consideração da honra de Deus e da necessidade dos meus co-servos, tenho que fazê-lo. Segundo o direito civil o outro não pode exigir nada de mim. Mas não posso negar-lho sem violar o direito divino do amor, se não houver outra maneira de ajudar o outro, embora em si se trate de algo que é meu. Tais doutrinas não soam bastante estranhas, quando se fala delas?" (24) Nessas palavras manifesta-se a espiritualidade de uma renovação abrangente.

c) A espiritualidade pietista é cristocêntrica. O cristocentrismo é mais acentuado em Zinzendorf. Ele já foi chamado "o maior — e talvez o único totalmente autêntico — teólogo cristocêntrico da Idade Moderna" (25). Nada menos que sete dos 21 discursos sobre a Confissão de Augsburgo — um terço, portanto — tratam de Cristo, enquanto que Zinzendorf se contenta com um único discurso sobre a justificação pela fé. Cristo não é apenas objeto e conteúdo do

(23) *Umkehr in die Zukunft* (v. anot. 19), pág. 17.

(24) *ib.* pág. 35 s.

(25) Karl Barth, *Die kirchliche Dogmatik* (A dogmática eclesial), vol. IV/1, (Zollikon-Zürich, 1953), pág. 763. Sobre todo este assunto v. Erich Beyreuther: *Christozentrismus und Trinitätsauffassung bei Zinzendorf* (Christocentrismo e compreensão da trindade em Zinzendorf), em: *Evangelische Theologie* 21 (München 1961), pág. 28-47 = *Studien zur Theologie Zinzendorfs, Gesammelte Aufsätze* (Estudos sobre a teologia de Zinzendorf, Coação de ensaios), (Neukirchen, 1962), pág. 9-34.

nosso falar, pregar e refletir cristão. Devemos imaginá-lo como a "síntese de todas as coisas", como aquele "no qual todo o universo está incluso". "O grande ponto da religião" é o fato de que "dele e por meio dele e para ele são todas as coisas" (Romanos 11.36) (26). Cristo é tão importante para sua fé e sua vida, como a única saída do ateísmo, que Zinzendorf até corrige o apóstolo Paulo. Este afirma que no fim da história Cristo entregará o reino a Deus Pai (I Coríntios 15.24). Mas na verdade, diz Zinzendorf, Cristo não entregará nada; reinará eternamente (27). Quando fala de seu relacionamento com Cristo, fala de "amor sincero", "movimentação irresistível do coração", "fogo em meus ossos" (28). Fala da comunhão com Cristo, mais emocional do que racional, usando a linguagem barroca de seu tempo. Esse sentir-se um com Cristo lembra certas correntes místicas na história do cristianismo. Mas lembra também Lutero que escreveu em um de seus escritos mais conhecidos e famosos: "A fé une a alma com Cristo, como a esposa se une com seu esposo. Deste casamento resulta, como diz São Paulo (Efésios 5. 30): Cristo e a alma se tornam um só corpo, de maneira tal, que tudo quanto ambos possuem, bens, felicidade, infelicidade, tudo, enfim, possuem-no em comum. O que Cristo tem, pertence à alma crente, e o que a alma tem, pertencerá a Cristo" (29). Hoje não falamos mais desta maneira. Certamente não podemos renovar sem mais nem menos essa espiritualidade da comunhão íntima com Cristo. Mas pelo menos devemos perguntar: Não devemos tentar reaprender a meditar e a contemplar o Cristo? Zinzendorf chama nossa atenção para a importância desse lado da fé. O "artigo fundamental" é, para ele: "conhecer a Jesus, como foi crucificado, e concebê-lo no coração" (30). Talvez seja útil lembrar-se neste lugar que a meditação da paixão de Cristo é também uma das quatro partes em que Inácio de Loyola dividiu seus "Exercícios espirituais". E o Cristo morto é uma das mais importantes imagens religiosas na cultura do povo brasileiro (31).

---

(26) Ein und zwanzig Discurse (v. anot. 3), pág. 101.

(27) ib. pág. 96-101.

(28) Erich Beyreuther: Christozentrismus und Trinitätsauffassung bei Zinzendorf (v. anot. 25), 12.

(29) *Da Liberdade Cristã*, trad. por Leônidas Boutin e Heinz Soboll. (São Leopoldo, 3ª ed., 1979), pág. 19.

(30) Citado por Erich Beyreuther, *Christozentrismus und Trinitätsauffassung bei Zinzendorf* (v. anot. 25), pág. 26.

(31) João Dias de Araújo, *Imagens de Jesus Cristo na Cultura do Povo Brasileiro*. : Leonardo Boff e outros. *Quem é Jesus Cristo no Brasil?* Coleção "Teologia no Brasil". I. (São Paulo, ASTE, 1974), pág. 38-54.

d) A espiritualidade do pietismo é, em muitos de seus representantes, expressamente espiritualidade sob a cruz. Com essa afirmação agora não quero dizer que ela nasce e se nutre da cruz de Cristo. Isso já foi dito. Agora quero dizer que essa espiritualidade se formou em meio a sofrimento humano, questionamento, ataques, crítica, perseguição. O próprio nome "pietista" foi originalmente uma palavra irônica e de gozação. A ortodoxia combateu o pietismo teologicamente e muitas vezes de maneira violenta, porque ela se sentiu ameaçada em seu monopólio teológico. Não houve apenas crítica sincera. Houve também exagero, ironia, má vontade, difamação e mentira. A Igreja luterana em si deveria praticar o sacerdócio universal de todos os cristãos. Mas a ortodoxia luterana criticou justamente a disposição dos pietistas de dar voz e vez aos assim chamados leigos, incluídas pessoas simples e mulheres. Surgiram boatos de que nas reuniões pietistas pregariam mulheres e empregadas domésticas. Crianças aprenderiam grego. Donas de casa iriam para os estudos bíblicos em vez de cuidarem devidamente de seus maridos, filhos e lares. Os pietistas foram tachados de fanáticos, magrinhos, pálidos, doentes. O líder pietista Augusto Germano Francke foi interrogado uma vez por uma comissão de inquérito da Faculdade de Teologia da Universidade de Leipzig, se realmente teria chamado um leigo, membro de outra comunidade, de "irmão em Cristo". Foi advertido que somente o pároco teria o direito de pastorear os membros de sua comunidade (32). Foi classificado naquela cidade como agitador subversivo. O movimento estudantil liderado por ele foi considerado como perigoso para a ordem estabelecida. Finalmente foi obrigado a deixar a cidade (33).

Os fundadores da comunidade de Herrnhut, situada nas propriedades de Zinzendorf, foram fugitivos ou exilados. Perderam suas terras ou seus empregos na Áustria por motivos religiosos e políticos. Zinzendorf permitiu que se estabelecessem em suas terras. O governo da Áustria protestou veementemente, junto ao governo da Saxônia, contra a atitude cristã de Zinzendorf, alegando que lá estava surgindo um perigoso foco de rebelião e questiona-

---

(32) Erich Beyreuther, *Hermann Francke und die Anfänge der ökumenischen Bewegung* (August Hermann Francke e os primórdios do movimento ecumênico), (Hamburg-Bergstedt, 1957), pág. 41, citado por Friedrich Spiegel-Schmidt, *Kirche ohne Geist? Der Pietismus als Frage an die Gegenwart* (Igreja sem Espírito? O pietismo como pergunta ao tempo presente), (Witten, 1965), pág. 67.

(33) Joachim Fischer, *Distúrbios Estudantis*, em: *Pedras Vivas, Personagens da História da Igreja Cristã*, (São Leopoldo, 1978), pág. 37-40.

mento da ordem existente (34). Mas Zinzendorf não desistiu de aceitar e abrigar também pietistas radicais, separatistas que foram marginalizados em todos os lugares. Então foi expulso pelo governo.

Seria fácil mencionar muitos outros exemplos. Todos eles levariam à mesma conclusão: Sem cruz não há espiritualidade viva, profunda, sincera e confiante. Lembramo-nos mais uma vez de Lutero. Ele também afirmara que o "direito" básico dos cristãos são cruz e sofrimento (35). Para ele, cruz e sofrimento são um dos sinais nos quais se reconhece a existência da cristandade, do povo de Deus (36).

e) A espiritualidade do pietismo é espiritualidade na perspectiva da ressurreição. Para Zinzendorf, por exemplo, a ressurreição de Cristo tem seu sentido não exclusivamente em si mesma. Seu sentido é que nós tenhamos vida: "Nós somos as pessoas que devem viver" (37). A ressurreição não é algo metafísico. É algo existencial. Dela emana uma força que está presente em nossa vida. Que força? A força que não nos deixa desesperar. Zinzendorf diz: "É necessária uma decisão, uma palavra, uma fé, se não queremos morrer à morte eterna. Devemos imaginar a ressurreição, como se ela já estivesse aí. Devemos elevar o coração e ir ao encontro da ressurreição. Isso significa ter certeza, não vacilar, não ceder, e sim, agarrar-se no Jesus ressurreto . . . Aquele que não desespera, pode ser livre, em cada hora e em cada momento, de tudo que o atormenta, de todas as tentações e condenações" (38). Quem vive na perspectiva da ressurreição, não capitula diante de um mundo aparentemente perdido. Não resigna. Não se retira. Age, luta, espera, confia – "com um coração ingênuo, cheio de amor, alegre diante de Deus e dos homens" (39). A perspectiva da ressurreição dá esperança aos mais necessitados. Cristo, em sua vinda, a qual significa a ressurreição dos mortos, evidenciará seu poder e sua glória nas almas mais miseráveis que desesperam de si mesmas e as quais não são consideradas muito pelos outros, como Zinzendorf explicou numa

---

(34) Nikolaus Ludwig von Zinzendorf in *Selbstzeugnissen und Bilddokumenten* (v. anot. 20), pág. 65ss. e 85 ss.

(35) WA 18, 310, 28s.

(36) WA 50, 642, 1 ss.; 51, 486, 24 ss.

(37) *Des Ordinarii Fratrum Berlinische Reden* (Alocações berlinenses do bispo dos Irmãos), tom. I. em: Nikolaus Ludwig von Zinzendorf, *Hauptschriften* (v. anot. 3), vol. I. (Hildesheim 1962), pág. 181.

(38) ib. pág. 182 s.

(39) ib. pág. 185.

prédica sobre Mateus 25.6, proferida entre imigrantes alemães na América do Norte. A proximidade da ressurreição se faz sentir, quando surgirem pessoas que se preocupam com as almas de outras pessoas, sem ter qualquer vantagem pessoal, ao contrário, tendo prejuízo material. A proximidade da ressurreição se faz sentir, quando os cristãos se engajaram na causa de Cristo em vez de ficarem indiferentes, passivos, meio adormecidos (40). A partir dessa espiritualidade na perspectiva da ressurreição devemos entender também o engajamento dos pietistas pelo bem-estar material das pessoas, se bem que tenha sido, do nosso ponto de vista, somente um engajamento bastante tímido. Mas para mim fica claro que a perspectiva da ressurreição significa esperança – não apenas para a alma, para o indivíduo ou para a comunidade e a Igreja. Significa esperança para o mundo. Por isso este aspecto da espiritualidade pietista é muito importante.

f) A espiritualidade pietista é espiritualidade leiga, pelo menos em grande parte. É verdade que Spener, o pai do pietismo luterano, e Francke, o grande ativista luterano, eram teólogos formados e pastores. Mas deixar colaborar os assim chamados leigos, dar-lhes vez e voz ativa na comunidade e na Igreja foi um dos principais pontos do programa de reforma pietista. A introdução e o exercício contínuo do sacerdócio espiritual é a segunda das seis propostas de Spener para a renovação da Igreja (41). Hoje todo mundo fala dos leigos. Às vezes tenho a impressão de que os pastores e teólogos formados esperam demais dos assim chamados leigos. Mas na época de Spener o sacerdócio geral de todos os cristãos foi um assunto quase totalmente esquecido na prática das Igrejas luteranas. Visto que o assunto está sendo amplamente discutido entre nós, não me detenho neste ponto. Apenas chamo a atenção para a Igreja dos Irmãos Moravianos. Ela até ordenou leigos, isto é, pessoas sem a formação teológica costumeira, como missionários, um deles inclusive como bispo. Na história do cristianismo evangélico há poucos casos nos quais o sacerdócio de todos os cristãos foi praticado até essas conseqüências.

g) A espiritualidade pietista é crítica em relação à Igreja e às suas estruturas. Todo o pietismo nasceu como resposta a uma

---

(40) Eine Sammlung öffentlicher Reden, von dem Herrn, der unsere Seligkeit ist, und über die Materie von seiner Marter (1742) (Uma coleção de alocações públicas sobre o Senhor, que é nossa bem-aventurança, e sobre a matéria de sua paixão – 1742), 2ª parte, 2ª ed. em: Nikolaus Ludwig von Zinzendorf, *Hauptschriften* (v. anot. 3), vol. 2 (Hildesheim 1963) pág. 201 ss.

(41) Philip Jacob Spener, *Umkehr in die Zukunft* (v. anot. 19), pág. 39 ss.

situação de miséria, estagnação, passividade e insatisfação na Igreja, a qual, naquela época, era praticamente idêntica com a sociedade. A partir dos "Pia Desideria" de Spener a linguagem dos pietistas é muito franca e clara neste ponto. Spener fala de miséria, necessidade, doença do corpo de Cristo, omissão e falha, não apenas nas coisas materiais, e sim, também nas espirituais. Manifesta sua vergonha quanto a tudo que se observa na Igreja e na sociedade. Expressa sua tristeza, sua preocupação, sua vontade de chorar.

Depois aponta para pontos bem concretos em que a situação é deplorável. Para mim é interessante e importante – e talvez não seja muito conhecido – que em primeiro lugar Spener apresenta suas críticas referentes ao Estado (42). Os governantes, diz ele, são egoístas. Pensam somente em seus prazeres, em seu proveito, em seus privilégios. O Estado abusa do seu poder. Muitas vezes serve-se da religião por interesses políticos. Esquece-se de que sua tarefa é promover o reino de Deus.

Frente a tais afirmações creio que só a ignorância pode falar de uma atitude apolítica do pietismo em geral. A verdade é que a espiritualidade pietista é crítica inclusive no que diz respeito à política. Mereceria uma reflexão um pouco mais demorada a pergunta por que Spener coloca justamente esta parte de sua crítica em primeiro lugar.

Não menos decidido ele é quanto à Igreja, sobretudo quanto aos pastores (43). Aqui ele fala simplesmente de corrupção. Em que consiste a corrupção dos pastores? A resposta tem muitas facetas. Há escândalos manifestos, falta de compreensão, ausência da prática do verdadeiro cristianismo, espírito de secularismo, polémicas supérfluas e inúteis, ocupação com coisas esquisitas na teologia, especulações impotentes. Os pastores, juntamente com os governantes, são co-responsáveis pelos males que podem ser encontrados nas comunidades.

Se o governo e os pastores falham, não é de admirar-se que também a situação da população em geral é deplorável (44). Falta a vivência da fé. Há muitos males sociais graves, como o vício da embriaguez, a transformação dos tribunais em instrumentos do egoísmo, da vingança e da injustiça, a opressão e a exploração na vida econômica e distorções na distribuição de bens. Spener chama tais males sociais expressamente de pecado.

---

(42) *ib.* pág. 24s.

(43) *ib.* pág. 25 ss.

(44) *ib.* pág. 33 ss.

Toda essa crítica tem sua finalidade não em si mesma. Os pietistas não criticam para criticar. A crítica acontece na perspectiva da ressurreição. Visa à edificação do corpo de Cristo. Quer descobrir o remédio certo para a doença da sociedade e da Igreja. Por isso os pietistas, como Spener, refletem sobre tudo isto diante de Deus sob a orientação da Sagrada Escritura. São os aspectos contemplativo ou meditativo e bíblico de sua espiritualidade.

Qual é o remédio? Aqui devemos distinguir entre pietistas radicais e moderados (45). Os radicais consideraram a Igreja-instituição como perdida. Não acreditaram na possibilidade de melhorá-la. Por isso separaram-se dela. Mas podemos duvidar que o caminho da separação e da retirada tenha mostrado novos horizontes. Os pequenos grupos separatistas geralmente tinham vida curta. Resolveram o problema para o próprio grupo e a curto prazo. Mas não conseguiram desenvolver uma proposta de solução a médio e longo prazo para o todo da sociedade e da Igreja.

A grande maioria dos pietistas optou por um caminho diferente. Viu chances de melhorar a situação dentro da Igreja-instituição. Foram mais "realistas" — no sentido de terem contado com o agir do Espírito Santo, que muitas vezes é um agir surpreendente, inesperado, incalculável, um agir contra as aparências das coisas. Estavam firmemente convictos de que Deus mesmo melhoraria a situação, porque é sua natureza cumprir o que promete. Da nossa parte exige-se paciência. Sucessos rápidos provavelmente não os haverá. O reino de Deus não é obra nossa. Mas podemos ter a certeza de que os frutos do nosso agir e do nosso engajamento amadurecerão. Podemos ter a certeza de que a hora de Deus virá (46). Da certeza dessa esperança nasceu e cresceu a espiritualidade crítica dos pietistas.

h) Chego ao último aspecto que me propus a abordar. A espiritualidade pietista é comunitária. É a meta de todos os pietistas, talvez com exceção de alguns poucos individualistas, concretizar aqui na terra algo da comunhão dos santos que a fé cristã confessa. Por isso Spener não quer contentar-se com os cultos dominicais, com sua liturgia já há muito tempo fixada. Sente necessidade de realizar, ao lado dos cultos, outras reuniões de membros da comunidade (47). Pequenos grupos ou núcleos devem reunir-se em

---

(45) A palavra "radical" é usada neste lugar no sentido no qual é empregada geralmente na descrição histórica do pietismo, não no sentido exposto na introdução deste estudo.

(46) Philip Jacob Spener, *Umkehr in die Zukunft* (v. anot. 19), pág. 46 ss.

(47) ib. pág. 55 ss.

torno da Sagrada Escritura para discutir cada trecho da mesma e seu significado atual. Em outras palavras: os grupos refletiriam e conversariam sobre sua vida diária à luz da Bíblia. São uma espécie de "círculos bíblicos" ou comunidade de base. Todos têm o direito de falar. Todos ajudam-se mutuamente, para que haja um crescimento em conjunto. Os pastores conhecem melhor os membros, seus problemas e suas alegrias. Cresceria a confiança entre todos. Assim todos aprenderiam que para a comunidade a participação de todos é essencial.

O remédio receitado por Spener, a formação de pequenos grupos dentro da comunidade, pode ter efeitos colaterais não pretendidos. Spener conhece esse risco. Tais grupos facilmente chegam a considerar-se a si mesmos como a elite da comunidade. Começam a distanciar-se dos outros. Ou um destes grupos pode desperdiçar suas forças com brigas internas, em vez de agir como fermento dentro da comunidade como um todo. Ou uma pessoa pode usar tal grupo para promover-se a si mesma. A limitação de maior peso na proposta de Spener é, talvez, o fato de que ele atribui a direção desses grupos exclusivamente ao pastor. Neste ponto seu conceito de Igreja ainda é muito "pastoral" ou até clerical. O conceito é compreensível a partir de uma época, na qual foi indiciado num inquérito eclesiástico o pastor que chamou um "leigo" de "irmão em Cristo". Mas hoje em dia esse conceito não pode ser mais justificado teologicamente. A Igreja, como povo de Deus na caminhada, precisa de lideranças, tanto "pastorais" como "leigos".

Sim, há riscos e perigos na proposta pietista para a renovação da Igreja. Mas é importante ver que a existência de riscos e perigos numa proposta pastoral não nos dispensa de agir, de tentar descobrir e viver a vontade de Deus, não isoladamente, cada um por si, e sim, em comunhão. Vejo no pietismo tal tentativa.

Quem valorizou mais a dimensão comunitária da espiritualidade foi, provavelmente, a comunidade dos irmãos Moravianos em Herrnhut com suas extensões missionárias. Ali o elemento comunitário foi tão forte que levou ao surgimento de uma nova Igreja, com estruturas próprias, todas elas concebidas para possibilitar e facilitar comunhão. Um fruto muito conhecido dessa espiritualidade comunitária são as famosas "Senhas Diárias" que já foram mencionadas. Nos primórdios daquela Igreja, em cada manhã, mensageiros foram de casa em casa, em Herrnhut, abriram a porta e transmitiram a cada família a senha do respectivo dia, a qual foi o elo de ligação entre todos os membros da comunidade.

#### 4. RESUMO E CONCLUSÃO

Chego ao fim – não do assunto, e sim, apenas deste estudo. Sei que a espiritualidade pietista e a espiritualidade cristã têm outras dimensões, não abordadas aqui. Limitei-me a apresentar dimensões ou aspectos da espiritualidade pietista que considero válidos, importantes e dignos de consideração por parte de todos os cristãos evangélicos em nossos dias. Agora quero resumir tudo numa espécie de definição. Espiritualidade cristã é o reflexo do Cristo crucificado e ressurreto em nossa vida. É a conclusão à qual cheguei no estudo da espiritualidade pietista na história.

Em fins de 1975 o Conselho Mundial das Igrejas realizou sua quinta assembléia em Nairobi, na África. Dirigiu uma mensagem aos cristãos. A mensagem tem a forma de uma oração. A oração é, sem dúvida alguma, uma das principais expressões de espiritualidade. Creio que poucos conhecem essa mensagem-oração. Apresento-a aqui como exemplo da práxis de espiritualidade em nosso tempo, exemplo este que reflete de maneira atualizada, em nosso tempo e para o mesmo, vários dos aspectos de espiritualidade que creio ter descoberto na análise histórica (48).

“Deus, Criador e Doador da vida. De novo fomos advertidos: A sobrevivência da humanidade está em jogo. Confessamos diante de ti: Nosso estilo de vida e a estrutura da nossa sociedade criam discórdia e alienam-nos de tua criação, de modo que exploramos a criatura, à qual tu deste vida, como se fosse matéria morta. Separada de ti, nossa vida é vazia. Aspiramos por uma nova espiritualidade que permeia nosso planejar, pensar e agir. Ajuda-nos a conservar a terra para gerações futuras e a dividi-la assim que todos se tornem livres.

Kyrie eleison, Senhor, tem piedade de nós.

Deus do amor. Em Jesus Cristo compartilhas nosso sofrimento, perdoas-nos os nossos pecados e rompes os grilhões da opressão. Desperta e preserva em nós a comunhão com nossos irmãos e nossas irmãs em todo o mundo. Dá-nos a coragem de carregar em conjunto o sofrimento que nos atinge. Acende em nós a alegria pascal e deixa-nos cantar em meio à tentação:

---

(48) Texto da mensagem-oração em alemão em: *Bericht aus Nairobi 1975* (Relatório de Nairobi 1975). Ergebnisse – Erlebnisse – Ereignisse (Resultados – Experiências – Acontecimentos). Offizieller Bericht der Fünften Vollversammlung des Ökumenischen Rates der Kirchen. 23. November bis 10. Dezember 1975 in Nairobi Kenia, ed. por Hanfried Krüger e Walter Müller-Romheid. (Frankfurt Main 1976), pág. 1 s.

**Aleluia, louvado sejas, Senhor.**

**Deus da esperança. Teu Espírito dá ao teu povo luz e força. Dá-nos poder para testemunhar teu nome entre os povos, lutar por tua justiça contra as potências e poderes, perseverar em teu serviço com fé e humor. Sem ti não somos capazes para nada. Em conjunto clamamos:**

**Maranata, vem, Senhor Jesus.**

**Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Deixa-nos glorificar e enaltecer de modo uníssono e com corações unânimes a majestade de teu santo nome. Amém''.**